

A hospitalidade sexual urbana na relação viajante-residente

Urban sexual hospitality in the relationship between travelers and residents

La hospitalidad sexual urbana entre viajeros y residentes

Ricardo Lanzarini¹

Resumo

Este artigo é parte da minha pesquisa de doutoramento, realizado entre 2009 e 2013, sobre homens de identidade social heterossexual que, em viagens a trabalho, buscam interações sexuais homoeróticas. Aqui apresento o modo como os grandes centros urbanos tornam-se hospitaleiros às manifestações de comportamento sexual fora dos padrões convencionados pelas normas sociais e morais que constituem a sociedade brasileira. Para tanto, o método adotado é etnográfico com pesquisa participante e a realização de entrevistas para compreender o processo de busca e encontros sexuais entre homens brasileiros durante viagens profissionais nas cidades de São Paulo/SP, Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Porto Alegre/RS, Campo Grande/MS e Lisboa, Portugal. Os principais resultados encontrados foram: a identificação de uma comunidade imaginada onde esses homens se socializam entre semelhantes, encontrando no anonimato urbano uma forma de hospitalidade à divergência das normas sociais que regulam seus comportamentos sociais e familiares, além de buscarem prazer sexual como uma forma de compensação da rotina, tornando-se parte da viagem.

Palavras-chaves: Hospitalidade. Viagem. Prazer sexual. Anonimato urbano. Homens.

¹ Bacharel em Turismo pela UFMS e Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, onde estuda "O lazer erótico das viagens", com financiamento CNPq. [E-mail: ricardolanzarini@gmail.com](mailto:ricardolanzarini@gmail.com)

Abstract

This article is part of my doctoral research, conducted between 2009 and 2013 on heterosexual social identity men who travel to work and seek homoerotic sexual interactions. Here I present how big urban centers become hospitable to manifestations of sexual behavior outside the standards agreed by the social and moral norms that form the Brazilian society. Therefore, the method adopted is ethnographic with participatory field research and interviews follow the process of these Brazilian men seeking sexual encounters during business' travel in the cities of São Paulo/SP, Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Porto Alegre/RS, Campo Grande/MS and Lisbon, Portugal. The main findings were: the identification of an imagined community where those men socialize with other similar men. The urban anonymity in finding as an hospitality form of dealing with what goes against the social norms that regulate social behaviors and family and seeking sexual pleasure as a way of routine's break, become a complement of the travel.

Keywords: Hospitality. Travel. Sexual pleasure. Urban anonymity. Men.

Resumen

Este artículo es parte de mi investigación doctoral, llevada a cabo entre 2009 y 2013 con hombres de identidad social heterosexual que viajan en trabajo y buscan interacciones sexuales homoeróticas. Aquí les presento cómo los grandes centros urbanos son convenientes a las manifestaciones de la conducta sexual fuera de las reglas acordadas por las normas sociales y morales que constituyen la sociedad brasileña. Por lo tanto, el método adoptado es etnográfico con investigación participativas y entrevistas para comprender el proceso de búsqueda de encuentros sexuales entre hombres brasileños durante sus viajes de negocios en las ciudades de São Paulo/SP, Florianópolis/SC, Curitiba/PR, Porto Alegre/RS, Campo Grande/MS y Lisboa, Portugal. Las principales conclusiones fueron: la identificación de una comunidad imaginada, donde los hombres socializan entre similares y el anonimato urbano es una forma de hospitalidad a uno comportamiento que diverge de las reglas sociales que regulan a sociedad y la familia, además de buscar el placer sexual como compensación y forma de romper la rutina, devenido parte de la viaje.

Palabras-clave: Hospitalidad. Viajes. Placer sexual. Anonimato urbano. Hombres.

Considerações iniciais

O atrativo das cidades grandes é talvez uma consequência dos estímulos que agem diretamente sobre os reflexos. Enquanto tipo de comportamento humano, pode ser explicado, numa espécie de tropismo, como a atração de uma mariposa pela chama (Robert Park, 1979).

As viagens correspondem a uma prática social recorrente desde os primórdios da humanidade, seja pela busca de alimentos e novas moradas que propiciassem melhores condições de vida, seja para a manutenção da vida social ou para o descanso e o lazer, interações socioculturais e comerciais, intelectuais, econômicas e tecnológicas. Quando busquei analisar as relações entre a viagem e a atividade sexual, encontrei no espaço urbano uma instigante relação entre as viagens a trabalho e a gama de oportunidades que são ofertadas a viajantes que buscam interações sexuais fora do circuito cotidiano, onde o sexo se desponta como uma atividade complementar à viagem.

As viagens profissionais correspondem à rotina de muitas profissões e ocupações. Independentemente do tipo de trabalho, ela uma continuidade da rotina noutro espaço, mas que igualmente reproduz o tempo de trabalho, lazer e descanso diários. Entretanto, também corresponde a um afastamento justificado do grupo social fixo, em sua maioria, por um curto período de tempo, longe da família, amigos e relações sociais fixas onde, ao invés de voltar para casa, o viajante encontra outro lugar, com pessoas e dinâmicas de interação diferenciadas, rompendo a formação social cotidiana. Estão presentes em praticamente todos os ramos produtivos mundiais, condensando deslocamentos entre e para grandes centros urbanos por serem esses os locais de maior concentração de infraestrutura, mão-de-obra e riquezas, abrigando a maior parte das relações comerciais, econômicas e financeiras das quais dependem as sociedades atuais.

O afastamento das relações fixas pode causar uma sensação de liberdade pela ausência da vida cotidiana, facilitando a abertura de comportamentos individualizados

que normalmente encontram-se reprimidos pela moral social, fato que inclui os desejos sexuais dificultados pela vigilância social do grupo de pertencimento de um: e que limita determinadas incursões sexuais extraconjugais, homoeróticas, entre outras. Neste recorte trato de homens de identidade pública heterossexual comprovada pelo casamento que, durante suas viagens profissionais a grandes centros urbanos, aproveitam as possibilidades de novas sociabilidades – geralmente momentâneas e esporádicas – para ultrapassarem as barreiras de seus sistemas sociais de pertencimento, buscando relações sexuais homoeróticas via ciberespaço.

Enquanto momento de evasão e fuga das pressões cotidianas pelo afastamento do grupo social fixo, como demonstra Jost Krippendorf (1989), a viagem cria, no imaginário social, a ideia de liberdade, prazer e revigoramento; uma compensação de frustrações diárias. O viajante se permite a liberação moral de seus comportamentos, agindo diferentemente do que costuma praticar no cotidiano, criando um espaço transitório e liminar onde é possível manter a vida cotidiana e todas as relações sociais que a envolvem salvaguardadas dos estigmas sociais, o que gera segurança emocional e a sensação de liberdade advinda da falta de comprometimento local.

Milton Santos (2006) aborda a cidade como lugar onde há maior mobilidade e encontros, integrando o espaço que abrange a maior variedade de grupos por interesses distintos. Relaciona as grandes cidades, mesmo na homogeneidade dos processos globais de crescimento, a espaços que podem constituir ou abrigar individualidades, principalmente em virtude do alto índice de mobilidade e fluidez de relações que constituem a vida urbana. Já Collete Pétonnet (1987) trata das cidades como espaços de circulação de pessoas e bens, onde uma multidão de estranhos se encontra e se relaciona constantemente em locais públicos de relações anônimas e impessoais complementares, mas não interferem na vida cotidiana.

Na mesma perspectiva, encontrei em Michel Maffesoli (2000) o estudo de grupos sociais que se estabelecem a partir de traços semelhantes, formando grupos menores que se protegem a partir de um senso de comunidade, de pertencimento a uma “tribo”. A cidade oferece a todos uma gama de espaços de sociabilidade temporária e não-fixa, onde as pessoas têm a oportunidade de escolher suas relações e locais por

onde desejam transitar. A esses espaços Robert Park (1979) chama de “regiões morais” e Néstor Perlongher (2005) de guetos ou “territórios marginais”. São, em sentido amplo, lugares onde o comportamento social formador do grupo depende de um desejo subjetivo e oculto que normalmente contrapõe a opressão cotidiana, a exemplo das práticas sexuais que divergem do padrão heterossexual monogâmico ocidental, como casas de sexo grupal e troca de casais, entre outros, como demonstro a seguir.

O espaço urbano

Ao me reportar às práticas sexuais, a presença dos grandes centros urbanos como espaço de concretização das rupturas da moral social se solidificam por concentrar o maior destino das viagens a trabalho; propiciar, com maior facilidade, o encontro sexual [dada a grande concentração de espaços e circulação de pessoas]; e age no imaginário como lugar seguro porque pode ser anônimo, conveniente a fugas, rebeldias ou novas formas de experienciar o prazer erótico.

A grande cidade abriga as variáveis comportamentais que ecoam na vida social de alguns homens que optam ou têm a necessidade de romperem com as normas morais da sociedade, que é predominantemente heterossexual. George Simmel (2005) relaciona o espaço urbano com os comportamentos corporais e a sociabilidade das pessoas para compreender de que maneira elas o ocupam e utilizam, tornando-se parte formadora desse espaço. Dentre as práticas urbanas cotidianas, a mobilidade – de moradores, turistas e viajantes – apresenta-se como fomentadora da formação de grupos sociais momentâneos e sem relações fixas, mas sim específicas e privadas, que Isaac Joseph (1999) apresenta a partir de espaços públicos de convivência e trabalho, numa dialogia entre o urbano e o indivíduo que os habitam, percorrem e exploram. Desse modo, o urbano torna-se parte de cada pessoa.

Ao estudar as dinâmicas sociais urbanas, Robert Park (1979, p. 27) explicita que a cidade é “[...] um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos

sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”. Afirma, ainda, que a dimensão e estrutura das cidades impressionam seus habitantes [e, claro, seus visitantes] por sua complexidade e organização social, abrigando todos os nichos e sendo capaz de atender necessidades, projetos e interesses de grupos distintos, diferentemente das aldeias, colônias ou campos abertos.

Park se reporta às questões de mobilidade, onde o desenvolvimento das comunicações e dos transportes oferece um espaço dinâmico de “mobilização do homem individual”, capaz de multiplicar sociabilidades entre semelhantes, sem necessariamente estabelecer vínculos afetivos. Igualmente, a segregação populacional urbana é ressaltada por diferenças econômicas e/ou culturais que estabelecem “pequenos mundos” capazes de se tocar indiretamente, mas sem conexão cotidiana, facilitando ao interessado passar de um meio social para outro sem comprometer suas relações sociais fixas. Logo, a vida cidadina tendencia, pela falta de unidade, às divergências.

Conforme Milton Santos (2008), a cidade possui uma organização físico-moral que interpenetra a vida social, onde objetos e ações tendem a uma produção artificial de práticas cotidianas, atualizadas por novas tecnologias, dinâmicas sociais e interrelações pessoais. Nesse contexto, o espaço urbano evolui com a sociedade, num campo de forças desiguais que precisa ser considerado a partir do passado e do presente, em relações firmadas numa estrutura organizacional: “[...] o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante” (SANTOS, 1978, p. 145). Então, o espaço urbano é um lugar social que se constrói coletivamente.

Já Michel Maffesoli (2000, p. 176) o compreende como uma sucessão de territórios onde as pessoas se fixam para buscar abrigo e ter segurança, tomando posse e instituindo relações efêmeras, onde aparecem as “massas-tribos”: “[...] sendo a massa o pólo englobante, e a tribo o pólo da cristalização particular, toda a vida social se organiza em torno desses dois pólos num movimento sem fim”. Assim, o autor apresenta o “tribalismo” como grande tendência da cidade, em que se constroem relações de proximidade, segurança e pertencimento, diferentemente das “regiões

morais” citadas por Park, que se formam à margem dos processos sociais, enquanto a “tribo” funciona mais como um grupo social cotidiano.

As viagens ampliam o universo de convivência e experimentação social e condicionam a novas socializações e regras. A diversidade de estruturas físicas e sociais constitui um espaço cosmopolita de relações que é típico dos tempos modernos, chamadas por Gilberto Velho (1999) de “sociedades complexas”: uma heterogeneidade cultural e social, na coexistência harmoniosa e plural das diferenças humanas; um conjunto de símbolos utilizados nas interações urbanas cotidianas. Quando se toma o conceito de “sociedade complexa” como forma de interpretação da realidade, assume-se que, ao estudar algum processo social, tem-se apenas uma amostragem que auxilia no entendimento do pluralismo urbano, altamente dinâmico e mutável, visto que é fragmentado e, por vezes, desconexo.

Richard Sennett (1999) discorre a respeito da fragmentação da vida pública cidadina ocasionada pela valorização da individualidade na Modernidade, onde as pessoas passam a se resguardarem na intimidade de suas casas e vidas privadas, preferindo o anonimato em detrimento da exposição pública. Para ele, “[...] os sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada são resultantes [...] da formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista” (SENNETT, 1999, p. 30) e formam uma “sociedade intimista”, de cultura narcísica e tendencialmente destrutiva e sociabilidades mantidas em círculos fechados, integrados apenas por semelhantes.

Na complexa rede social que configura o espaço urbano, George Simmel (2005) fala da atitude *blasé*: a apatia diante da desmedida oferta de prazeres que estimula fortemente a vida, até a ausência de reação, isto é, reações automáticas e pouco individualizadas. Como um estado de espírito, uma forma de viver sem graves conflitos internos e externos, a atitude *blasé* é indiferente, avessa e estranha ao contato muito próximo, entendido pelo senso de reserva individual como invasão de privacidade. Contudo, não gera isolamento; apenas apatia frente ao outro, o que gera distância e afastamento, com socializações mais seletivas e direcionadas, o que não ocorre em cidades pequenas, onde a vigilância social é expressivamente maior.

Quanto menor o círculo social, maior é a vigilância e o controle que aprisionam ou intimidam a vida cotidiana. A atitude *blasé* justamente evita o controle desmedido e invasivo da vida privada. A vida social na cidade pequena é fechada em si mesma, em contraposição à cidade grande, de vida interior mais ampla e cosmopolita, como argumentam Mike Savage e Alan Warde (1993). Desse modo, o cidadão se protege nas metrópoles, onde pode facilmente mascarar sentimentos e, muitas vezes, não reagir aos estímulos exteriores.

A grande cidade se torna um refúgio, principalmente para aqueles que em algum momento divergem do comportamento padrão adotado pela sociedade, pois, quanto menos vigiados, menos punidos. Para Santos (2006, p. 258), “[...] a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir”, sendo os fracos as minorias sociais que emergem na vida dos centros urbanos como chamuscas que hora ou outra queimam na cidade, impondo-a como lugar libertador, em práticas inventivas de novas relações sociais.

Há, ainda, pessoas que, mesmo na grande cidade, convivem em redes de relações restritas que não contemplam suas necessidades e desejos, alimentando as “regiões morais” ao mesmo tempo em que utilizam a atitude *blasé* como mecanismo de defesa e adaptação a esse estilo de vida. A “região moral” se apresenta como um espaço segregado na cidade, ocasionado “[...] em parte às restrições que a vida urbana impõe; e em parte à permissibilidade que essas mesmas condições oferecem” (PARK, 1979, p. 65), criando regiões com códigos morais específicos e divergentes da norma social.

Mas quais as relações entre o espaço urbano, as regiões morais e as viagens a trabalho? Como exemplo, cito um de meus entrevistados que residente no interior de Santa Catarina, no Sul do Brasil. Ao visitar a capital Florianópolis a trabalho [o que costuma fazer uma vez por semana], encontra, na dimensão da grande cidade, inúmeras “tribos” e “regiões morais” que podem acolher seus comportamentos e práticas sexuais proibidas ou limitadas em sua origem, seja pelo contato extraconjugal ou homoerótico. A viagem profissional, em sua maioria realizada individualmente, oportuniza outros prazeres e sociabilidades sem comprometimentos públicos, visto que o viajante não pertence ao grupo onde concretiza suas divergências.

Quando passei a identificar homens casados de identidade pública heterossexual que buscavam outros homens para encontros sexuais durante suas viagens profissionais, percebi que havia uma busca direcionada a outros homens que poderiam ser residentes do lugar visitado ou mesmo outro viajante. O mais importante eram as possibilidades que a cidade “estranha” oferecia, longe da vida cotidiana. Buscam semelhantes por meio de códigos e condutas que os identificam e os aproximam, além de diferenciá-los dos demais praticantes de sexo homoerótico que não mantinham uma identidade pública heterossexual.

Os conceitos de “região moral” e “tribos” urbanas me fizeram refletir na possibilidade de constituição de “guetos” como refúgios marginais encontrados na grande cidade e que pudessem ser um recurso utilizado pelos pesquisados na experiência homoerótica que, neste caso, se inicia no ciberespaço. Autores como Louis Wirth (1928), Kenneth Clark (1965) e Loïc Wacquant (2004) discutem o “gueto” como um espaço marginal comum entre pessoas estigmatizadas por diferentes motivos, como cultura, etnia, condição sexual, estilo de vida, política e trabalho, entre outros. Na mesma perspectiva, Néstor Perlongher (2005) chamou de “territórios marginais” os guetos *gays* paulistanos, contemplando uma fragmentação do espaço urbano como recurso de sociabilidade e competição, formando comunidades de “iguais”.

Uma das principais limitações encontradas no campo de pesquisa, contudo, foi o fato que os pesquisados não constituem um grupo geograficamente institucionalizado: não existe um território comum e exclusivo como um “gueto”. O que identifiquei, na verdade, foi um sentimento de pertencimento formado a partir de um espaço de encontro virtual, mecanismo de primeiro contato e seleção de parceiros sexuais. Homens de identidade social restrita encontraram no uso da tecnologia digital a possibilidade de manterem o anonimato e conhecerem outros homens sem a necessidade, num primeiro momento, de contato físico, diferentemente de quando se frequenta um espaço destinado ao sexo, onde a exposição da imagem pode gerar constrangimentos e dissabores. Entretanto, o ciberespaço é público e abarca o encontro de outros grupos no mesmo lugar, o que inviabiliza a ideia de “gueto”, já que não corresponde a um espaço restrito e unificado. Posterior aos contatos virtuais, os

encontros presenciais acontecem quase sempre entre dois homens em variados lugares, como melhor lhes convém, priorizando sempre a discrição e a segurança. Como a proposta é de encontro único, não há formação de “tribo”.

O sentimento de proteção e proximidade entre “iguais” é determinante para os encontros que se iniciam no ciberespaço, onde adotei o conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2008). Esta “comunidade” é legitimada e diferenciada por um estilo próprio e uso de recursos específicos que possibilita sua existência, embora não se materialize. Para Anderson, os membros de uma “comunidade imaginada”, em sua maioria, não se conhecem, mas se reconhecem e estão intimamente ligados por símbolos, referências e experiências comuns. A comunidade se apresenta no campo do imaginado a partir de um sentimento de pertencimento, uma espécie de comunidade emocional, estabelecida por uma “camaradagem horizontal” e a constituição de um “nós” coletivo em “redes de parentesco” simbólicas.

Esses espaços simbólicos de segurança encontrados na viagem reportam ao que Carmen Rial (2009) apresenta sobre a vida dos jogadores brasileiros de futebol que, ao migrarem para países desconhecidos, sem muitas vezes saber sequer o idioma local, estabelecem linguagens universais de comunicação em espaços de socialização profissional e fronteiras simbólicas *at home*, onde conservam a cultura materna em espaços transitórios, levando um pouco do Brasil para todos os cantos do mundo e criando relações de afetividade e camaradagem entre brasileiros como forma de proteção.

A fronteira simbólica atua como um espaço liminar instantâneo, anônimo, único e seguro, entre semelhantes. Ao se relacionar com um “igual”, com as mesmas responsabilidades e compromettimentos sociais como casamento, família, trabalho e imagem pública, homens que sentem prazer em manterem relações sexuais com outros homens se protegem dos estereótipos e preconceitos que a sociedade impõe aos homossexuais e aos adúlteros.

O anonimato urbano

O principal facilitador da ruptura da ordem social dominante, e mais especificamente, da ruptura da sexualidade, é o anonimato e a invisibilidade que a grande cidade oferece, não apenas pela viagem, mas por abrigar espaços segregados e distantes geográfica e socialmente do circuito moral dominante. Reportando-me a Park (1979, p. 67), “[...] a cidade grande tende a dissecar e a desvendar à vista pública e de maneira maciça todos os traços e caracteres humanos normalmente obscurecidos e reprimidos nas cidades menores”.

Ao discutir o espaço público urbano como uma película protetora que gera anonimato, Colette Pétonnet (1987) salienta que ele protege a todos e abre espaço para novas relações. Geram anonimato por serem locais de transição que podem ser renovados, diluindo o peso das identidades e dos estigmas que causam constrangimentos sociais às pessoas.

O anonimato não resiste à imobilidade. Logo, ele depende de movimento e velocidade de rotação: é elástico; uma membrana protetora que se estende de opaco para transparente de acordo com lugares, circunstâncias e pessoas envolvidas. Helen Nissenbaum (1999) o interpreta como recurso utilizado por pessoas e grupos que partilham uma condição ou situação à margem das convenções e normas dominantes. “Seu valor não reside na capacidade de se permanecer incógnito, mas na possibilidade de agir ou participar mantendo-se fora de alcance” (NISSENBAUM, 1999, p. 142). Por isso, o lugar cotidiano não pode ser anônimo, visto que é constante. A viagem, em qualquer circunstância, é capaz de fomentar essa rotação; esse movimento que propicia relações anônimas e desconexas do dia-a-dia.

Ao estudar grupos de sociabilidade anônima, como Alcoólicos e Narcóticos Anônimos, Catarina Fróis (2005, p. 310) expressa que “[...] o anonimato pode ser entendido como um modo de gestão da informação que o indivíduo faz de si mesmo”. Nesse sentido, a pessoa pode optar por falar de algo muito íntimo sobre sua vida, omitindo outras informações que podem identificá-lo fora daquela socialização

específica. Constata que, mais que a gestão da informação, o anonimato permite ao indivíduo escolher sua máscara e se socializar de modo que se sinta seguro.

Jovanka Scocuglia (2011) apresenta a ideia de metrópole fragmentada, com base nos estudos de Simmel, expondo que o anonimato e a impessoalidade são partes das metrópoles. Para ela, o espaço e o tempo nas grandes cidades estão divididos pela homogeneidade das ações humanas, influenciados pelo acelerado crescimento tecnológico, que encontra como principais representantes o turismo em grande escala, a televisão e a *Internet*, gerando impessoalidade na homogenia.

Já Richard Miskolci (2005, p. 12) afirma que “[...] as metrópoles geraram um meio social realmente novo, mas sobretudo concentraram fenômenos e permitiram ver o que antes permanecia oculto”, justamente em virtude da facilidade que o anonimato urbano gera, abarcando um maior número de indivíduos lançados a atividades ilícitas ou “anormais” com menos controle do que teriam em cidades menores, sistematicamente vigiadas pela coletividade, como também encontrei em meu campo de análises.

As experiências subjetivas e os conflitos sociais próprios da grande cidade, provenientes da constituição sensorial na vida coletiva, são tratados por Gilberto Velho (2000) a partir da mobilidade do indivíduo em poder transitar entre vários grupos, fator típico das “sociedades complexas”. Uma característica da grande metrópole é “[...] a possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estanques” (VELHO, 2000, p. 20). Desse modo, Velho afirma que a mobilidade dificulta a unicidade: o sujeito anônimo no grupo A pode ser líder no grupo B, num anonimato relativo e direcionado pelo próprio indivíduo.

O anonimato urbano se refere a uma perda momentânea de identidade social, ocasionada pelo afastamento do grupo social fixo com o intuito de se poder agir num recorte temporal e espacial que deve ser mantido em segredo, e assim permanecer afastado da vida cotidiana. George Simmel (1905) trata o segredo como algo inerente à sociedade, pois somente se conhece uma pessoa socialmente, mas não verdadeiramente. A imagem que se tem do “outro” é exatamente o que ele quer demonstrar. Logo, todo conhecimento sobre determinada pessoa é relativo e referente ao que é externo, social. Chama atenção para o papel das máscaras, que moldam e integram o indivíduo ao grupo

social, seja por códigos ou símbolos que reforçam sua identificação com determinado grupo.

Michel Maffesoli (2000), inspirado em Simmel, também trata do segredo como um “egoísmo de grupo”, uma forma de resistência e autonomia de grupos menores em sobreviver às imposições mais amplas da coletividade homogeneizadora. “Ao contrário de uma moral imposta e exterior, a ética do segredo é, ao mesmo tempo, federativa e equalizadora” (MAFFESOLI, 2000, p. 131). Nessa perspectiva, há informações, códigos e compartilhamentos internos que mantêm a “sociedade secreta” à margem, mas protegida: quando se partilham hábitos, ideologias e ideais, cria-se uma ética de proteção ao mundo exterior e de igualdade interna.

Há, no segredo e no anonimato, uma relação amistosa entre viajantes e residentes, que na busca por discrição e segurança, se aproximam por meio de um sentimento de hospitalidade advinda dos grandes centros urbanos e, principalmente, das “regiões morais”, sempre abertas a receber semelhantes, mesmo esporadicamente. Há uma predisposição ao novo integrante da vida sexual na cidade, tanto nos lugares comerciais, como casas de sexo, saunas, boates e festas em geral, quanto em encontros não comerciais, como aqueles agendados via ciberespaço.

O segredo é um dos principais mecanismos de manutenção e proteção entre os sujeitos que encontrei, fato que determinou as dificuldades de aproximação entre pesquisador e pesquisados, onde o único meio possível de pesquisa foi pertencer à “comunidade”. Foi preciso equalizar-me aos hábitos e ideais que me dariam semelhança e legitimidade para compartilhar desse segredo mantido por um senso de camaradagem e pelo anonimato urbano; que conserva a unidade e o sigilo de ações realizadas apenas em âmbito privado e individual, preservando a imagem pública, a ordem familiar, moral e cotidiana de seus participantes.

Considerações metodológicas

As pesquisas relacionadas à atividade sexual, em todas as instâncias, envolvem uma estreita linha de interação entre pesquisador e pesquisados, visto que os interesses são altamente divergentes, tanto para o pesquisador que busca compreender os fenômenos que envolvem o sexo quanto para os pesquisados que, nos encontros do campo de pesquisa, estão buscando sexo e anonimato. Como se aproximar desses sujeitos sem comprometer os preceitos éticos e a integridade física do pesquisador?

O campo de pesquisa me direcionou, por suas limitações, a adotar o método etnográfico, baseado na experiência pessoal e na participação, que envolve entrevistas, observação, documentos e resulta na descrição narrativa do campo, como afirma Michael Genzuk (1993). Sendo o trabalho de campo uma experiência altamente subjetiva resultante dos procedimentos de campo com as capacidades individuais do investigador, busquei pertencer ao universo dos pesquisados para observá-los – observação participante –, descrevê-los e entrevistá-los.

Roberto Richardson (1999) expõe que a observação participante diz respeito ao relato do observador como membro do grupo pesquisado, propiciado por uma aproximação entre ambos. O observador é bem mais que espectador, visto que se coloca na posição e ao nível dos elementos humanos que integram o fenômeno observado, tendo melhores condições de compreender hábitos, interesses, relações pessoais e características do recorte do campo analisado. Caracteriza-se, assim, como uma pesquisa qualitativa, que trata do universo de significados, valores e atitudes que correspondem a um espaço de relações sociais.

Para aproximar-me dessa “comunidade”, o único recurso possível seria tornar-me um “semelhante”, o que fiz inspirado na etnografia realizada por Carmen Rial (2003) em *fast-foods* e *studios* de Paris nas décadas de 1980 e 1990, onde atuou na condição de trabalhadora e consumidora, por intermédio da observação participante. Ao exercitar o que a autora chama de “errância do olhar e da escrita” e realizar uma etnografia multi-

sitiada, ela observou gestos e captou movimentos e línguas desconhecidas como um vocabulário universal “*fast-foodiano*”.

Os depoimentos descritos nesta análise são parte de minha pesquisa de doutoramento realizada no Brasil e no exterior, entre 2009 e 2012². Ao longo desse processo de investigação, que envolve os estudos do ciberespaço, da masculinidade e da sexualidade relacionada ao fenômeno turístico, os grandes centros urbanos se despontaram como principais vetores de concentração das buscas sexuais sejam em guetos ou no ciberespaço, onde é possível encontrar *sites* de encontros afetivos e/ou sexuais e *chats* – salas virtuais de conversação em tempo real – comumente utilizadas para o encontro sexual. Minha etnografia contempla algumas capitais brasileiras, a saber: Florianópolis/SC, sede da Universidade onde a investigação foi realizada; Campo Grande/MS, meu estado de origem, onde minha rede social facilitou o processo de aproximação em alguns casos; São Paulo/SP, que concentra um elevado número de viajantes a trabalho, sendo recorrentemente encontrados nos *chats* das outras capitais; Porto Alegre/RS e Curitiba/PR, pela proximidade geográfica, comercial e turística com Florianópolis/SC, onde minha circulação também era facilitada. Além do Brasil, pesquisei a mesma prática de brasileiros na cidade de Lisboa, Portugal, onde realizei parte de meu doutorado no ano de 2012.

É preciso ressaltar que o ciberespaço concentra um grande número de viajantes em busca de sexo, incluindo meu recorte de homens em viagens a trabalho. E foi nele que tive o primeiro acesso aos entrevistados por intermédio dos *chats* do Universo On-Line (UOL), onde foram catalogados homens viajantes e residentes casados em busca de sexo. Neste caso, o ciberespaço funciona apenas como um meio de seleção e contato, mas a intenção é sempre presencial. Descrevo abaixo alguns depoimentos retirados das entrevistas que realizei presencialmente que demonstram a importância da viagem profissional e a receptividade do grande centro urbano às práticas sexuais transgressoras da moralidade social.

² Ver Lanzarini (2013).

Encontrando os pesquisados

O processo de obtenção das entrevistas se deu, basicamente, por intermédio dos *chats*. Alguns homens de identidade heterossexual comprovada pelo casamento costumam buscar interações homoeróticas durante suas viagens profissionais adentrando no ciberespaço para interagirem anonimamente em busca de sexo, escolhendo suas preferências sexuais e parceiros, num jogo de interesses que cria personagens virtuais que assumem os mais variados papéis e códigos de reconhecimento que fazem com que se assemelhem.

Os contatos virtuais são geralmente rápidos e objetivos, direcionados aos acordos sexuais e aparência dos pares. Aqui ocorre a atração entre viajante e residente, na sociabilidade sexual entre pares de grupos sociais diferentes. Em seguida, o encontro se efetiva em locais apropriados ao sexo, como hotéis onde estão hospedados os viajantes ou motéis, que culturalmente são destinados ao sexo no Brasil. Ocorrem, ainda, encontros pré-sexuais em locais públicos, como bares ou restaurantes de identificação heterossexual, a fim de que se possam comprovar as semelhanças identificadas no ciberespaço. Em sentido amplo, o espaço urbano e o anonimato causam uma sensação de hospitalidade às fugas ou quebras das condições cotidianas de sociabilidade sexual, como relatam as entrevistas abaixo.

O Entrevistado-1³, empresário procedente de Brasília/DF, quarenta e cinco anos, casado há vinte e três anos, com dois filhos foi encontrado por intermédio do *chat*. Com fisionomia tranquila e porte quase atlético, demonstrava cuidado com a aparência pessoal, comportamentos e gestos. Apresentava uma conversa descontraída que culminou no seguinte depoimento:

Viajar é algo em meu trabalho que gosto muito: quebro a rotina de casa-escritório-casa, faço coisas diferentes, vou mais a bares e restaurantes e acabo comendo pratos típicos dos locais que visito; quase sempre capitais. Também conheço pessoas e encontro outros homens parecidos comigo. [...] Uso o *chat* porque acho simples e

³ Entrevista concedida num restaurante em 23 de maio de 2011, em Florianópolis/SC.

rápido. [...] Ontem mesmo conheci um cara no *chat* que mora lá na Lagoa [da Conceição]. Ele também é casado, tem uns trinta e cinco anos e estava trabalhando num escritório aqui perto. Quando saiu, veio aqui e conversamos ali naquela praça do outro lado, pelas 18h. Depois fomos para o quarto e transamos. Foi bem gostoso mas rápido demais: acho que nem 30min. [...] Acho que ele estava com medo de se atrasar demais para chegar em casa e a mulher desconfiar de algo. Isso é bem comum! [...] Mas também já tive vários encontros bons durante minhas viagens; alguns inesquecíveis [risos] [...] (Entrevistado-1, 2011).

Já o Entrevistado-2⁴ é funcionário público federal procedente de São Paulo/SP, com 53 anos e três filhos, está no segundo casamento há quinze anos. Tranquilo e descontraído, barba bem-aparada e cabelos cortados, apreciador de futebol, propôs o encontro em um bar majoritariamente frequentado por homens em dias de jogos de futebol. Divertia-se nas falas misturadas ao entusiasmo do jogo, por vezes, com manifestações eufóricas, típicas de torcedores.

Adoro futebol! [risos]. [...] Eu não saio com outros homens com frequência porque não viajo muito a trabalho: somente uma vez por mês. [...] Sempre que viajo procuro sexo, mas nem toda vez acontece. Acho que também depende um pouco da sorte em encontrar alguém bacana, confiável e discreto. Por isso só procuro casados como eu! Certa vez conheci um rapaz solteiro, bonitão, mas depois que fui descobrir que era louco: ficou dias me ligando. Ainda bem que o número que dei só usava aqui mas ele me incomodou tanto que tive que trocar de número. Outra vez fui me encontrar com um cara que se fazia de “machão”, todo malhado, forte e “ativo”, mas quando me dei conta, parecia que “andava de salto alto” [risos]. [...] Não há garantias que o sexo será bom. Só experimentando mesmo; e isso só faço quando viajo a trabalho para alguma capital onde ninguém me conhece [...] (Entrevistado-2, 2011).

Ao acionar minha rede pessoal, consegui a indicação do Entrevistado-3⁵: empresário de 38 anos, residente em São Paulo/SP e casado há doze anos, sem filhos. A trabalho em Campo Grande/MS concedeu-me a entrevista previamente agendada para um jantar na casa de amigos em comum. De aparência jovem, usava barba, cabelos curtos e bem cortados, transmitindo muita tranquilidade numa conversa desinibida.

⁴ Entrevista concedida num bar em 17 de agosto de 2011, em Florianópolis/SC.

⁵ Entrevista concedida num evento de amigos em 30 de setembro de 2011, em Campo Grande/MS.

Eu gosto do modo como levo a minha vida sexual: saio com homens quando tenho vontade e oportunidade, normalmente quando viajo: quase toda semana [risos]! Uma vez aqui mesmo em Campo Grande/MS conheci um cara muito interessante: bonito, bem-sucedido, “gostoso”. Nosso sexo foi ótimo! O problema é que eu quase me envolvi [...], comecei a querer mais e mais e minha mulher chegou a notar que eu fiquei diferente. Acho que por isso nós casados também buscamos outros casados: não é uma questão de ser heterossexual e não “dar pinta”, mas também é uma segurança para evitar o envolvimento. No caso, o cara era solteiro e acabou me dando margem para mais contatos. [...] Quase “perdi a cabeça” levado por um desejo bobo! Se ele fosse casado, não teria deixado eu me aproximar tanto e eu teria ficado quieto [...] (Entrevistado-3, 2011).

Inusitadamente, eu esperava uma conexão de duas horas entre Campo Grande-Florianópolis no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, quando me deparei com o Entrevistado-4⁶: homem de 58 anos, advogado residente em Curitiba/PR, casado há trinta anos, com um filho, trajava terno, barba bem cuidada, aparentava muito asseio e boa disposição física; e buscava interações homoeróticas enquanto passava o tempo de espera de sua conexão para casa.

A *Internet* facilitou muito a busca por sexo: nos *chats* você encontra pessoas próximas a você, com vontade de fazer a mesma coisa. Claro que riscos existem, mas é bem mais simples e fácil, principalmente quando você não conhece a cidade e ainda precisa encontrar um lugar de encontros, saber como se chega lá, etc. Uso o *chat* para encontrar homens quando viajo a trabalho, normalmente aqui para São Paulo; e acabo transando no hotel mesmo. Também tem que ser discreto e casado, para se ter mais segurança e entendimento entre os dois (Entrevistado-4, 2011).

O Entrevistado-5⁷ foi encontrado no *chat* de Florianópolis/SC quando estava ainda em sua cidade, Brusque, no interior do estado. Homem de 37 anos, empresário do ramo de alimentos, casado há cinco anos, jovem, alto, robusto e voz grave; tem um filho. Concedeu-me entrevista previamente agendada para o dia posterior ao encontro no *chat*, quando foi à capital do estado a trabalho.

Brusque é uma cidade pequena e minha família é bastante tradicional. Não existe nenhuma possibilidade de ter um encontro sexual com

⁶ Entrevista concedida numa cafeteria em 17 de outubro de 2011, em São Paulo/SP.

⁷ Entrevista concedida num bar em 10 de novembro de 2011, em Florianópolis/SC.

outro homem lá! Florianópolis é diferente: tem muita gente e é mais fácil desaparecer na multidão [risos]. Só não quero é chamar a atenção nem comprometer a minha vida familiar. Já me encontrei com alguns homens daqui, mas nunca tive um “caso”⁸ (Entrevistado-5, 2011).

Já em Lisboa, encontrei dois homens com perfis parecidos utilizando o *chat* para encontrar parceiros sexuais imediatos. Ambos estavam hospedados em hotéis e me concederam um encontro único e imediato ao contato virtual, estando assim divididos: Entrevistado-6⁹, brasileiro de 46 anos, empresário casado e pai de dois filhos. Residente em São Paulo/SP, estava a negócios na cidade. Com aparência séria, fala calma e erudita, tratou dos temas sexuais de modo bastante interessado e expôs as vantagens da viagem internacional nessas práticas. O segundo, Entrevistado-7¹⁰, brasileiro procedente do Rio de Janeiro/RJ, é funcionário de uma multinacional, também a trabalho em Lisboa. Muito jovem, com 33 anos, casado e uma filha, tinha aparência muito serena, calma e tímida, com fala e gestos contidos. Encontrado no *chat*, dispôs-se à entrevista numa cafeteria tipicamente brasileira no centro lusitano, focando também as relações de facilidades encontradas em Portugal para o sexo entre homens.

Sexo é algo muito presente nas viagens a trabalho: isso acontece comigo há mais de vinte anos. Você sai, trabalha, tem seu momento de lazer, no hotel, sozinho, sem conhecidos te observando, o que você fizer só ficarão sabendo se você mesmo contar. Tudo é propício ao sexo! E quanto mais longe de casa, melhor! Quanto maior a cidade para onde se vai, melhor! (Entrevistado-6, 2012).

Eu transo com homens há pouco tempo. Isso na minha vida é bem recente porque no outro emprego que tinha quase não viajava. Nesse que estou há quatro anos viajo muito, principalmente para cá e para Londres. O Rio é uma cidade que oferece muitas oportunidades para sexo, mas eu sou muito tímido e medroso. Acho que estou sendo vigiado o tempo todo! Mas a primeira vez que fui a Londres acabei transando com um cara que conheci num *pub* que tinha na esquina do hotel onde estava. Foi uma experiência muito louca e gostosa [risos] [...] (Entrevistado-7, 2012).

⁸ “Caso” é uma categoria nativa brasileira usada para designar um relacionamento amoroso sem vínculos sociais.

⁹ Entrevista concedida num bar em 13 de julho de 2012, em Lisboa/PT.

¹⁰ Entrevista concedida numa cafeteria em 10 de agosto de 2012, em Lisboa/PT.

Quanto aos residentes, a proposição era exatamente igual, mas na posição inversa ao viajante, que era atrativo por não pertencer ao grupo local, oferecendo menos riscos ao cotidiano do residente. Eles aparecem consideravelmente em maior número nos *chats*, considerando que correspondem a população fixa, podendo estar permanentemente no ciberespaço em busca de sexo; enquanto que para o viajante a esporadicidade depende de oportunidades ocasionadas pelo trabalho.

Dentre os residentes, o Entrevistado-8¹¹ foi encontrado a partir de minha rede pessoal em Porto Alegre/RS. Homem de 44 anos, funcionário público, casado pela quinta vez há dois anos, com três filhos, tinha voz grave e barba por fazer. Afirma manter relações sexuais hetero e homoeróticas há mais de vinte anos, principalmente com viajantes.

Eu sempre tive casos fora do casamento, e já até perdi uma esposa por isso [risos]. Com alguém “de fora”¹² é mais seguro: logo vai embora e não te compromete. Se for casado, melhor ainda! Aqui em Porto Alegre tem muitos homens que vêm de São Paulo/SP, Curitiba/PR e Florianópolis/SC para trabalhar. No *chat* você os encontra todos os dias. [...] Como a cidade é enorme, é muito fácil se esconder, ir a lugares mais afastados, motéis e também nos hotéis. Muitos hotéis aqui da cidade eu conheci assim [risos]. A cidade grande facilita esses encontros porque não é comum encontrar conhecidos, desde que faça as coisas longe de casa (Entrevistado-8, 2011).

O Entrevistado-9¹³, de 34 anos, residente em Florianópolis/SC, casado há quatro anos, com dois filhos, é empresário do setor automotivo, foi encontrado no *chat*. Jovem, aparentando bastante cuidado com o corpo malhado, concedeu-me a entrevista agendada, durante um almoço num restaurante voltado para o turismo, onde já marcou encontros com alguns homens.

Aqui tem muita gente “de fora”: trabalhadores e turistas, que é bem mais tranquilo para um encontro sexual. Confesso que já saí uma vez com um rapaz da cidade, mas depois descobri que morava perto da

¹¹ Entrevista concedida numa cafeteria em 02 de maio de 2011, em Porto Alegre/RS.

¹² “De fora” é uma categoria nativa brasileira comumente usada para designar uma pessoa que não pertence ao lugar em questão.

¹³ Entrevista concedida num restaurante em 10 de agosto de 2011, em Florianópolis/SC.

minha casa, sabia quem eu era e ainda conhecia a minha esposa. Eu pirei! [risos]. Esse mundo é muito pequeno, não dá para arriscar! Depois disso, eu chamo no *chat* quem se identifica como “de fora”. [...] O viajante, além da vantagem que oferece por não ser daqui, é bem fácil de conseguir: todo mundo procura sexo rápido quando viaja sozinho, principalmente o pessoal do interior; isso é um fato! [...] (Entrevistado-9, 2011).

Em Campo Grande/MS encontrei, por indicação da minha rede pessoal, o Entrevistado-10¹⁴: homem de 41 anos, comerciante, casado há 17 anos e pai de três filhos. A conversa fluiu de modo bastante amigável e aberta.

Saio para transar com outros homens sempre que posso, mas isso é limitado pelo trabalho, amigos, família. Acho que o sexo com outro homem é muito diferente do se tem em casa com uma mulher. Em casa, além do sexo, você tem uma vida cheia de cobranças e preocupações. Aqui fora só existe o sexo, é momentâneo e a gente acaba querendo aproveitar tudo que pode. [...] Transar com alguém “de fora”, vez ou outra, até ajuda o casamento [risos]. A *Internet* é um bom lugar de fuga, um esconderijo [...]. Estar na capital ajuda muito. Já morei no interior e sei o quanto é terrível arrumar esses encontros [...] (Entrevistado-10, 2011).

Em Lisboa deparei-me no *chat* com o perfil recorrente do Entrevistado-11¹⁵, brasileiro de Ribeirão Preto/SP, 39 anos, casado com uma mulher portuguesa há 8 anos, com quem tem um filho. Reside em Lisboa há 10 anos, onde trabalha numa empresa de segurança privada. Dispôs-se a entrevista agendada numa típica churrascaria brasileira no centro lusitano.

No *chat* a maioria são brasileiros que moram aqui em Lisboa como eu. Têm portugueses, mas eles não têm o hábito de usar o *chat* como nós. Eles têm os sites deles de encontros. Também encontram-se turistas, homens de negócios, estudantes que vêm a congressos, etc. [...] O encontro sexual entre brasileiros por aqui é bem comum: acho que já saí com mais brasileiros aqui que lá no Brasil, principalmente porque morava numa cidade pequena. Aqui encontrei mais liberdade, mais segurança (Entrevistado-11, 2012).

Durante as entrevistas, que abordaram diversos temas relacionados ao sexo e ao encontro homoerótico, a grande cidade aparece como um lugar hospitaleiro onde,

¹⁴ Entrevista concedida numa cafeteria em 15 de outubro de 2011, em Campo Grande/MS.

¹⁵ Entrevista concedida num restaurante em 07 de setembro de 2012, em Lisboa/PT.

somada a relação viajante-residente, é valorizada como local de novas interações e sociabilidades sexuais esporádicas, de modo seguro, anônimo e rápido, visto a grande oferta que se apresenta, tanto nos guetos quanto no ciberespaço. Os residentes aprenderam a enxergar no viajante uma proteção para suas vidas cotidianas, tal qual o viajante entende que longe de seu grupo está liberado do controle social que ordena suas ações – incluindo a sexualidade – em âmbito público e privado. Entre encontros e desencontros, os entrevistados relatam suas aventuras, dissabores e sucessos nas buscas sexuais, primando por sigilo e um senso de camaradagem que remete à “comunidade imaginada” como forma de proteção e identificação em meio ao aglomerado urbano.

Considerações finais: a hospitalidade sexual urbana

A cidade e suas dinâmicas territoriais, culturais e sociais, ao longo dos processos de segregação de grupos em “tribos” e da instituição de “guetos”, ou ainda, pelo uso da tecnologia como ferramentada de socialização, formam “comunidades” que são capazes de subexistir às pressões que a vida cotidiana impõe às minorias. Essas “comunidades”, que se formam apenas no campo simbólico, são capazes de criar códigos, condutas e estilos próprios com os quais as pessoas se reconhecem e são reconhecidas, legitimando ou anulando a participação de terceiros.

Os homens aqui pesquisados são majoritariamente provenientes de grandes centros urbanos e costumam circular a trabalho entre capitais, disseminando suas práticas sexuais a partir do ciberespaço em encontros esporádicos e sem relações de afetividade ou continuidade. O sexo é tido como parte da viagem: um momento de lazer após o dia de trabalho, tanto para o residente quanto para o viajante, sem intermediações comerciais. Há, sim, uma troca de prazeres sexuais entre homens, onde cada um oferece seus atrativos sexuais – fenótico – e convencionais – como ser “de fora” – em acordos que priorizam a discrição e o segredo para a manutenção da identidade pública heterossexual.

A grande cidade é o palco dessas relações, oferecendo mecanismos facilitadores para os encontros sexuais; infraestrutura, com os meios de hospedagem e equipamentos de alimentação onde ocorrem alguns contatos intermediários; e público, dada a alta circulação e rotatividade de pessoas. A atitude *blasé* e o anonimato comuns do cotidiano auxiliam os processos de busca e encontro sexual que se mantém invisibilizados, fora do alcance das relações sociais, profissionais e familiares de cada homem.

A hospitalidade sexual que advém do centro urbano é fruto dessa indiferença, dessa facilidade de se manter anônimo em meio a multidão. Considerando-se as condições que envolvem as práticas sexuais homoeróticas de homens casados com mulheres, que tem uma estrutura social heterossexual, é preciso manter uma ausência de identificações, cobranças e vínculos sociais, condições pouco prováveis em locais de baixo índice populacional, como cidades de pequeno porte e zonas rurais, onde a vigilância social é constante. Mais além, a hospitalidade sexual se refere a uma abertura cultural que pré-dispõe as pessoas ao encontro sexual, dada a segurança emocional que lhes é oferecida, principalmente na relação viajante-residente.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CLARK, Kenneth. **Dark ghetto**: dilemmas of social power. 2ed. New York: Harper & Row, 1965.

FRÓIS, Catarina. O anonimato em contexto de grupo: as associações ‘anónimas’. **Etnográfica**, v.10, n.2, 2005, p.293-312. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_09/N2/Vol_ix_N2_CFrois.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2012.

GENZUK, Michael. **A Synthesis of ethnographic research**. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.). Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California, 1993.

JOSEPH, Isaac. Paisagens urbanas, coisas públicas. **Cadernos CRH**. Espaço público. Questões de método. n.30/31, Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBA, 1999, p.

11-40. Disponível em:

<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=wew&cd=2&ved=0CD4QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.cadernocr.ufba.br%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D1059%26article%3D232%26mode%3Dpdf&ei=WdfIUKH8GYO68wSc3oH4BA&usq=AFQjCNFRTHUn7VfEcJbyaDFeyr6apdzhTg&bvm=bv.1355534113,d.eWU>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LANZARINI, Ricardo. **Jorge**: empresário de fora, casado e versátil – homoerotismo no anonimato das viagens. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC: UFSC, 2013, p. 255. – (Tese de Doutorado). Disponível em: <http://www.academia.edu/3322078/JORGE_EMPRESARIO_DE_FORA_CASADO_E_VERSATIV_-_HOMOEROTISMO_NO_ANONIMATO_DAS_VIAGENS>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. **Teoria e Pesquisa**. v.2, n.47, 2005, pp.9-45. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFilv/43/36>>. Acesso em: 16 set. 2012.

NISSENBAUM, Helen. The meaning of anonymity in the information age. **The Information Society**, v.15, 1999, p.141-144.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.13-28.

PERLONGHER, Nestor [1989]. Territórios marginais. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005, p. 266-290.

PÉTONNET, Collete. L'anonymat ou la pellicule protectrice. In: **Le temps de la réflexion VIII**. La ville inquiète: 1987, p. 247-261.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/ Universidade Federal de Santa Catarina, v.109, 2009.

_____. Pesquisando em uma grande metrópole: fast-foods e studios em Paris. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K.. **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry (*et al*). **Pesquisa social**: método e técnicas. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4º ed. São Paulo: USP, 2006.

SAVAGE, Mike; WARDE, Alan. **Urban Sociology, Capitalism and Modernity**. Londres: MacMillan, 1993.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuchy Cavalcanti. Cultura e Urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v.13, n.26, p. 395-417, jul/dez 2011. Disponível em: <http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm26_217.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2012.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1999.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, v.11, n.2, 2005, p.577-591, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>>. Acesso em: 2 set. 2012.

_____. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. **The American Journal of Sociology**. v.9, n.4, 1905. (Tradução para circulação restrita por Simone C. Maldonado).

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.6, n.13, 2000, p.15-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n13/v6n13a02.pdf>>. Acesso em 13 abr. 2011.

_____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

WACQUANT, Lóic. O que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia Política**, n.23, Curitiba, 2004, p. 155-164. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782004000200014>>. Acesso em: 8 set. 2012.

WIRTH, Louis. **The ghetto**. Chicago: University of Chicago Press, 1928.

Recebido em maio de 2013.

Aprovado em junho de 2013.